

**UMA ANÁLISE LITERÁRIA DA “TEOLOGIA DO ANTIGO TESTAMENTO”  
SEGUNDO MILTON SCHWANTES: UMA CONSTRUÇÃO LITERÁRIA DA  
TORÁ**

A LITERARY ANALYSIS OF THE "OLD TESTAMENT THEOLOGY"  
ACCORDING TO MILTON SCHWANTES: A LITERARY CONSTRUCTION OF  
THE TORAH.

Fernando Ripoli<sup>1</sup>

**RESUMO**

O presente artigo pretende desenvolver uma análise das narrativas inseridas na Torá. No entanto, analisaremos as divisões e os blocos literários no livro de Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio, de acordo com uma perspectiva de Milton Schwantes e sua teologia do Antigo Testamento. Nós não utilizaremos os métodos tradicionais e também não propomos refletir e discutir as análises das fontes de Wellhausen<sup>2</sup>, mas, propomos apresentar neste artigo, dentro de um viés sociológico<sup>3</sup> das leituras de pequenas narrativas (livros), inseridos em blocos literários maiores em relação a toda a Torá.

**Palavras-chave:** Literatura, Torá, Teologia (s), Lei e palavra.

---

<sup>1</sup> Historiador e Teólogo. Licenciado em História - Claretino; Bacharelado em Teologia - Faculdades EST/RS e Mestre em Ciências da Religião pelo programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião UMESP – Área: Literatura e Religião do Mundo Bíblico (AT), da Faculdade de Humanidades e Direito – Universidade Metodista de São Paulo - UMESP. fernandoripoli.historia@gmail.com

<sup>2</sup> Cf. WELLHAUSEN, Julius. *Prolegomena to the history of ancient Israel*. New York: (s.n.), 1957, p. 138.

<sup>3</sup> Cf. GOTTWALD, K. Norman. *As Tribos de Yahweh: Uma sociologia da religião de Israel Libertado*. São Paulo: Paulus, 2004.

## ABSTRACT

This article seeks to develop an analysis of the narratives included in the Torah. However, we will analyze the divisions and literary blocks in the book of Genesis, Exodus, Leviticus, Numbers and Deuteronomy, according to a perspective of Milton Schwantes and his theology of the Old Testament. We will not use traditional methods and also do not propose to reflect and discuss the analysis of the sources of Wellhausen, but we propose in this article within a sociological bias of small narratives readings (books), inserted in larger literary blocks for the entire Torah .

**Keywords:** Literature, Torah, Theology (s), Law and word.

## INTRODUÇÃO

Neste trabalho descreveremos algumas anotações feitas ao longo das minhas pesquisas acadêmicas sobre os livros do Antigo Testamento de Gênesis a Deuterônimo. Levando em consideração as perspectivas e debates que tivemos nas pesquisas das “Teologias do Antigo Testamento”. E principalmente a análise literária da teologia do primeiro testamento de Milton Schwantes.

Traremos os comentários das narrativas inseridas no texto bíblico, poderíamos optar por vários caminhos no encaminhamento da teologia do Antigo Testamento. No decorrer do artigo perceberemos que são várias as propostas para uma disciplina do Antigo Testamento, sabemos que tal disciplina teve seu início marcante no século XIX, e alcançou seu perfil mais elaborado no século XX, e rapidamente se impôs no âmbito bíblico.

A importância de fazer uma leitura do antigo testamento é para nos aproximarmos dos mitos, fatos históricos e sua literatura. Contudo, para termos uma visão clara das narrativas inseridas nos livros da bíblia, precisamos ter

uma base sólida de vários autores que já escreveram uma Teologia do Antigo Testamento. Nesta pesquisa decidimos em apresentar a visão da Teologia do Antigo Testamento de Milton Schwantes na Torá e suas interpretações dos blocos literários inseridos nas narrativas bíblicas.

### 1. Descrições literárias do livro Gênesis - B<sup>er</sup>exit:

Quando começamos a ler o livro de Gênesis, percebemos de início que o capítulo um (1) foi inscrito por um autor, e o capítulo dois (2) por outro autor ou redator. Obviamente, que isso só é de fato percebido quando lemos em conjunto com a Bíblia o texto hebraico<sup>4</sup> BHS. Todavia, por sua vez, o capítulo um (1) escrito com a fonte eloísta (E) e o capítulo dois (2) com a fonte javista (J), dentro de uma visão da teoria das fontes literárias.

Nos estudos bíblicos acadêmicos, a teoria das fontes marca a teologia da *torah*: os textos de Gênesis a Deuteronômio (ou até mesmo incluindo Josué - Hexateuco), seriam a soma de quatro escritos autônomos, contendo basicamente, pois, as narrativas de quatro 'livros' diferentes de datas diversas: o javista, o eloísta, o Deuteronômio original (Deuteronômio 12-26) e o escrito sacerdotal.

A junção destas fontes, acrescentadas por algumas histórias sem vínculos com tais fontes, teria conformado, no pós-exílio, a grande obra dos cinco livros de "Moisés" (o Pentateuco, a "lei, ou escrito (s)"). Esta hipótese se consolidou na pesquisa bíblica no século 19, oriunda que é do próprio século 18. E se manteve no século 20, apesar de haver sido contestada por Rolf Rendtorff<sup>5</sup>. Pessoalmente consideramos suficientes as argumentações patrocinadas por

---

<sup>4</sup> Cf. SCHENKER, A. *Bíblia Hebraica Stuttgartensia*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010

<sup>5</sup> Cf. RENDTORFF, Rolf. *A formação do antigo testamento*. 8<sup>o</sup> ed. São Leopoldo: Sinodal, p.8-10, 2009.

Rolf Rendtorff contra a possibilidade de fontes contínuas responsáveis pela constituição da *torah*.

A rigor, a proposta de outra abordagem para a teologia das “tradições históricas”, como Gerhard Von Rad<sup>6</sup> se referia aos cinco livros de “Moisés”, ainda levará bom tempo para entrar em amplo debate e em novas perspectivas.

Parece-nos que ainda se mantém, ao menos na “Europa”, marcante consenso em torno, explícito ou implícito, em torno da teoria das fontes literárias para explicar a origem da *torah*, mas, é muito mais forte na América do Norte - USA.

Por ora, temos que ir experimentando: Schwantes ao escrever o comentário exegético a Gênesis 11-25, desistiu do uso do método da teoria das fontes. Penso ele haver alcançado resultados mais qualificados sem a hipótese das fontes.

Mas isso os leitores e as leitoras críticas hão de definir ao lerem e avaliarem o seu projeto exegético em questão. Por enquanto, ainda há de continuar a prevalecer obras como a de Gerhard Von Rad ou de Claus Westermann.

Conforme Westermann, no que se referem ao uso que fazem da teoria das fontes literárias. Mas, outro aspecto de sua teoria, a de dar destaque às tradições, certamente desde já ajudará a observar unidades literárias, como são os conjuntos de textos que compõem a *torah*.

Que conjuntos literários conformam a *torah*? Para Schwantes pensamos que a resposta não é nada difícil, antes bastante evidente. Em outros termos, quero dizer o seguinte: a *torah* não é *um* livro. Nela se agrupam muitos ‘livros’, muitas unidades literárias maiores, com títulos e temas próprios.

Isso obviamente está a indicar que a *torah* a rigor não é um compendio de perícopes, mas, de pequenas unidades literárias. Estas ainda estão

---

<sup>6</sup> Cf. RAD, V. Gerhard. *Teologia do Antigo Testamento*. 2<sup>o</sup> ed. São Paulo: Targumim, p.107-110, 2006.

marcantemente presentes em seus cinco livros, estes são, na verdade - dito de modo não plenamente apropriado - coleções de breves histórias, de breves textos, enfim de perícopes e unidades menores.

Mas, nos textos da *torah* estas pericopes já não existem isoladamente, antes conformam coleções. Encontram-se agrupadas. Ora, os 'livros' são estes espaços literários e culturais, em que as perícopes se encontram em conjuntos literários temáticos. Já conformam literatura, não só são tradições. Aí não basta valer-se do conceito das 'tradições', necessário se torna aplicar-se-lhes o da 'literatura'. Em Gênesis 1-11<sup>7</sup>, temos um primeiro destes conjuntos:

### 1.1 – Apontamentos e análises de Genesis 1-11

Conforme Schwantes<sup>8</sup> o que se lê no começo da *torah*, tem a humanidade como referência; Israel não é mencionado. Se este ponto de partida estiver adequado, então os primeiros onze capítulos do Gênesis (1,1 até 11,25) deixam de ser 'pré-história', mas é contínua referência para todos os conteúdos da "lei".

As temáticas não são, pois, as origens e os começos 'pré-históricos', mas os continuados horizontes da *torah*, sim da própria Bíblia Hebraica (BH).

Neste sentido, estes onze capítulos já não estão antes dos começos, no conceito do 'pré-histórico', mas não próprio presente, na finalização da história de Israel. Sem a humanidade suas peregrinações se tornam como que sem horizonte.

---

<sup>7</sup> Cf. Milton Schwantes: um horizonte teológico, um projeto, uma tarefa. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/CA/article/view/3464/3246>>, acesso em: 20 de Jul. 2013.

<sup>8</sup> Cf. SCHWANTES, Milton. *Projetos de esperança; meditações sobre gênesis 1-11*. 2<sup>o</sup> ed. São Paulo: Paulinas, p.9-18, 2009.

Para delinear a tarefa de Gênesis 1-11, Schwantes<sup>9</sup> propõe descrever estes capítulos como 'entorno' da *torah*, como horizonte dos conteúdos da trajetória teológica de Israel.

É por isso que a *torah* é vivida em meio aos povos e, justamente, não só em Israel. "Moisés"<sup>10</sup>, o que melhor representa a "lei", nasce, vive e morre no 'exterior', tendo suas tarefas realizadas em meio a egípcios e midianitas, junto ao Sinai, ao Horebe, em peregrinação por terras edomitas, moabitas e amonitas. Mesmo Abraão e Sara que viveram nas terras da promessa, nelas só foram peregrinos.

A *torah* é, pois, "lei" para viver em meio aos povos, como o delineia Gênesis 1-11, o 'envelope', o 'entorno', o horizonte, a meta da *torah* são as filhas e os filhos de Eva e Adão, além da descendência de Sara e Abraão.

Para realizar tal intuição que transcende os limites de Israel, faltava a linguagem e a informação. Como alcançar a ecumene dos povos e, com ela manter uma linguagem comum? Pelo visto isso não se deu em relação ao Egito dos tempos de "Moisés". Pois o Êxodo 1-15 desconhece detalhes da vida no Egito.

Mas, o mesmo não se dá em relação à Assíria e à Babilônia que desde 730 a.C., no mínimo até a destruição de Jerusalém, em 587 a.C., que prevaleceu em terras judaítas e jersalemitas. Por isso, não será acaso que o dilúvio esteja justamente no centro dos primeiros onze capítulos da Bíblia.

Em Gênesis 1-11 traça, pois, o horizonte da Bíblia; vislumbra seu horizonte em meio e entre os povos. A escolha de um povo expressa, em seu reverso, também o encontro com todos os povos.

---

<sup>9</sup> Cf. SCHWANTES, Milton. *Projetos de esperança; meditações sobre Gênesis 1-11*. 2<sup>o</sup> Ed. São Paulo: Paulinas, p.27-29, 2009.

<sup>10</sup> Cf. SCHWANTES, Milton. *Teologia do Antigo Testamento (v.1)*. São Leopoldo: EST, p. 27-28, 1986.

Mas há certa dificuldade de linguagem. No entanto, ela sempre existe. Mas, há que anotá-la para que nos permaneça na consciência. Para Schwantes a ‘importação’ de histórias mesopotâmicas fez mais densa e proeminente o tema da violência nos onze primeiros capítulos. Todavia, a sociedade mesopotâmica, de onde provieram as histórias, praticamente já desconheciam modelos de vida liberta e libertária (veja Êxodo 1-15!). Por isso a antropologia de Genesis 1-11 lhe saiu talvez excessivamente pessimista. Afinal, a origem da linguagem é o âmbito imperial<sup>11</sup>!

### 1.2 – Observações entre os blocos literários de Gênesis 12-25 e 25-36:

Conseqüentemente Schwantes descreve<sup>12</sup>, que estes capítulos são dois conjuntos literários, dois ‘livros’ que conformam uma mesma perspectiva: a vida dos antepassados em Israel e seus arredores, conquanto experiência fundante. Trata-se claramente de dois grandes conjuntos: “*são 10 estas as gerações de Tera*” (11,27, um título para 11,27-25,18), e “*são estas as gerações de Isaque*” (25,19, um título que se refere aos caps.25-36).

Os caps.12-25 estão muito bem organizados, tendo as duas narrações de 11,27-12,9 e 12,10-20 como portas de entrada, e um primeiro arco narrativo que vai dos caps.13 ao cap.19, e um segundo arco narrativo que engloba os caps.20 até 22, com três prolongamentos nos caps.23, e 24 e 25. Esta bela esquematização dos caps.12-25 e outros indícios mais nos permitem concluir que estes conjuntos são pós-exílicos<sup>13</sup>. Interpretam, pois, muitas gerações da cultura judaíta. Isto é, exatamente, 11,27 até 25,18.

<sup>11</sup> Cf. SCHWANTES, Milton. *Projetos de esperança; meditações sobre Gênesis 1-11*. 2º Ed. São Paulo: Paulinas, p.34-36, 2009.

<sup>12</sup> Cf. SCHWANTES, Milton. *Deus vê, Deus ouve! Gênesis 12-25*. São Leopoldo: OIKOS, p.15-25, 2009.

<sup>13</sup> Cf. SCHWANTES, Milton. *Projetos de esperança; meditações sobre Gênesis 1-11*. 2º Ed. São Paulo: Paulinas, p.24, 2009.

Diferentes são os caps.25 até 36 (exatamente: 25,19-36,43). Conforme Schwantes, neles não encontramos tão forte coesão e organização literária como no ciclo de Sara e Abraão. Antes encontro neles maior diferenciações, com capítulos de temas autônomos, como é o caso do cap.26, dedicado a Rebeca e Isaque, ou o cap.36 que enfoca Esaú, ou ainda o cap.34 que se centra em Dina.

Além disso, temos alguns capítulos que se dedicam ao embate entre Esaú e Jacó (caps.25 e 27; 32-33). E, como tema de grande importância, há o encontro e confronto entre Jacó e Labão, e Jacó com Lia e Raquel.

Os diversos temas ainda persistem em maior autonomia, lado a lado, sem que estejam tão integrados como nas narrativas sobre Sara e Abraão. Acontece que estas memórias sobre a ancestralidade do norte, de Israel, foram interrompidas em 732 e 722 a.C., quando Israel (Cis e Transjordânia), foram vencidos e anexados pelos assírios. Como texto, as “genealogias” de Isaque, quer dizer, Gênesis 25-36, podem preceder as sobre Sara e Abraão, as “genealogias” de Terá.

Ainda assim, caps.12-25 e 25-36 são eminentemente paralelos: Israel em sua vida entre os povos, na Mesopotâmia (Ur e Harã), no Egito e na Arábia. Suas teologias terão que ser formuladas em correlação.

### **1.3 - Uma perspectiva de Gênesis 37-50 e Êxodo 1-24 - Israel e o poder egípcio**

Inicialmente, causou-nos surpresa perceber que estas duas unidades literárias, estes dois ‘livros’: Gênesis 37-50 e Êxodo 1-24 tem relação! Não estávamos acostumados a esta observação. Pois, como manter José e Moisés em

correlação? Entretanto, para Schwantes esta integração parece um desafio inusitado, uma destas tarefas que a gente não se coloca, mas que nos são postas.

O trecho mais recente é o que se refere a José, em Gênesis 37-50, a “esta história de Jacó”. Trata-se aí de uma proposta típica do pós-exílio: há que conviver com os impérios, por piores que estes sejam. São como gafanhotos, que tudo devoram; disso se sabe, por exemplo, em Joel<sup>14</sup>.

Mas ainda assim, ainda que sejam quais gafanhotos ou, em Zacarias 1, qual cavalos dominadores<sup>15</sup>, não há como enfrentá-los. Afinal, Israel não passa de um pequeno território de Judá, sem governo autônomo, sem força bélica, sem qualquer estrutura, a não ser o templo e a “lei”. Este Israel-Judá já não pode enfrentar poderes, como o egípcio.

Antes desvenda novas tarefas que lhe cabem em meio aos povos, o de lhes ajudar e de ajudar-se, ao colaborar com o senhorio.

Eis a proposta de José, ao ajudar os egípcios, ajuda a Israel, a Jacó e seus irmãos. (Veja Ester!) Esta proposta passa a ser, agora, no pós-exílio, fundamental. A de “Moisés” fez-se passado. Neste sentido, a relação de José (atualidade do segundo templo) para “Moisés” (tempos tribais e da monarquia), assemelha-se à relação entre Sara e Abraão e Lia/Raquel e Jacó. Quer dizer, os textos mais recentes precedem!

Os caminhos de “Moisés” (Êxodo 1-24) são, no Egito, de confronto (caps.1-15) e a caminho da terra de promessa de consolidação e organização do povo através de novas práticas comunitárias, com destaque para as jurídicas (caps.15-18 e 19-24).

---

<sup>14</sup> Cf. SCHWANTES, Milton. *Breve história de Israel*. 3<sup>o</sup> ed. São Leopoldo: OIKOS, p.58, 2010.

<sup>15</sup> Cf. SCHWANTES, Milton. *Sofrimento e esperança no exílio; história e teologia do povo de Deus no século VI a.C.* 3<sup>o</sup> ed. São Leopoldo: OIKOS, p, 56-57, 2009.

Situam-se nas proximidades da linguagem profética e de celebrações pascais pré-exílicas<sup>16</sup>, sobre estas memórias festivas de vitórias no passado. No pós-exílio, tais enfoques ainda fazem sentido, em especial quando (re) atualizadas pelas cenas das pragas, que Javé - só e unicamente ele - pode encaminhar contra o poder total de faraó.

Enfim, naqueles tempos passados, havia para onde fugir, para a Terra de Canaã. Agora, no pós-exílio, tal espaço de liberdade, esta terra de leite e mel, ainda é desejada e esperada, mas dia a dia se distânciava, porque o senhorio egípcio, aquele que é o mais próximo, tende a só escravizar os 'Josés' e a espoliar as terras de Israel de modo desapiadado.

Há de ir à luta pela liberdade, mas também há que colaborar com os faraós imperiais, como o fazem Esdras e Neemias, na Mesopotâmia. Ao ter que se submeter, cria, mesmo assim, espaços de liberdade. Moisés e José são caminhos diversos, e ainda assim semelhantes!

#### **1.4 – Êxodo 25 - Números 10 – Deuteronômio - “Leis” a caminho:**

Segundo Schwantes, esta grande quantia de textos exige uma atenção especial. Tamanha quantidade de capítulos há de ter uma relevância inusitada na *torah*. Sem dúvida! O que precede a este atual grande conjunto literário, a estes 'livros' até parece assumir caráter introdutório.

Novamente, o texto que parece ser comparativamente o mais antigo, o Deuteronômio, é o que se situa em segundo lugar. A ele precedem materiais literários mais recentes, como o são em geral os que têm referência no Sinai, em grande medida pós-exílico.

---

<sup>16</sup> Cf. A torá: uma leitura inovadora. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/CA/article/view/3461/3219>>, acesso em: 20 Jul. 2013.

Pode-se dizer, a partir desta observação em relação aos textos em questão, que, na *torah*, os textos mais recentes prevalecem sobre os mais antigos, quando ambos são colocados em sequência. A ótica principal dos textos<sup>17</sup> é o próprio presente, ciente que se está que, em tempos anteriores, havia propostas distintas às que agora se fizeram hegemônicas.

Ao conclamar a uma vida de bênção e justiça, o *Deuteronômio* concentra sua atenção em três conteúdos: o povo eleito de Deus conquanto conformado por irmãos e irmãs; a dádiva da terra que lhe foi concedida.

Todavia, não atribui importância maior ao rei; e mantém certa ambiguidade em relação à Javé. Por um lado, afirma sua unicidade como constitutiva para o povo eleito, mas, por outro lado, não identifica claramente o lugar de sua adoração.

Aí se percebe que, em tradições deuteronômicas, a morada começa a não ser sua marca! Este aspecto da 'sede' da santidade javista nem lhe é muito decisiva. O que lhe importa é a terra da promessa, na qual Israel se dará uma organização social especial, diferente da dos povos. As leis sociais são, pois, aquelas que especificam Israel entre os povos.

Mas, este código deuteronômico, tão social e político, não deixam de ter seu berço no templo, porque aí foi primeiramente encontrado e sancionado em sua validade. Por conseguinte, o código deuteronômico, diferente do sacerdotal em Levítico, também recebe do santuário sua aprovação.

Para Schwantes, o *Deuteronômio*<sup>18</sup> respira ares tribais, em todo caso não monárquicos. Nisso está sua diferença, sua especificidade social. Mas, esta perspectiva tribalista não só é deuteronômica. Em várias outras tradições a temática tribal se vai impondo a partir do 8º século. Memórias do deserto tem

---

<sup>17</sup> Cf. Origem dos textos. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/CA/article/view/3550/3245>>, acesso em: 21 jul. 2013.

<sup>18</sup> Cf. SCHWANTES, Milton. *Teologia do Antigo Testamento*. São Leopoldo: EST, p, 20, 1986.

gosto pela tribalidade, como se vê em Êxodo 15-18 ou Números 10-36. Estas assim chamadas 'tradições do deserto' se aproximam do Deuteronômio.

Neste caso, o Deuteronômio não seria propriamente o texto paralelo às tradições sacrais e sinaíticas. Agora, daremos atenção aos conteúdos de Êxodo 25 até Números 36.

### **1.5 Quatro a cinco são os conjuntos literários que encontramos:**

Para Schwantes<sup>19</sup>, Êxodo 25-40 é a memória do santuário migrante. Esta possibilidade de pensar um santuário em migração já aparece em Ezequiel, no qual a visão profética alcança afirmar o deslocamento de Javé, que, saindo de Jerusalém e de seu templo, se 'translada' para o exílio, em plena Babilônia (caps.1-3). O santuário migrante tem semelhanças com esta nova compreensão do templo jersalemita, uma 'entidade simbólica' migrante.

Dentro da perspectiva de Schwantes, a primeira parte de Levítico 1-16 está relacionada com leis a saúde, e 17-26 o código de santidade, são duas unidades maiores complementares, que estão posicionadas como que no centro desta ampla e complexa unidade sobre o Sinai, aparentemente foi formulada no exílio<sup>20</sup>, isto é, no século VI a.C.

A primeira parte (caps.1-16) se centra nas enfermidades e impurezas dentro do arraial sagrado, em especial com as doenças. Aí a 'lepra' tem papel de destaque, porque tende a desfazer e destruir a comunidade, caso não seja apartada. Juntam-se a esta outras doenças a mais que ameaçam o convívio comunitário.

---

<sup>19</sup> Cf. A torá: uma leitura inovadora. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/CA/article/view/3461/3219>>, acesso em: 21 Jul. 2013

<sup>20</sup> Cf. SCHWANTES, Milton. *História de Israel; vol. 1: Local e origens. 4<sup>o</sup> ed.* São Leopoldo: OIKOS, p,108, 2008.

Este conjunto de textos conclui-se no cap.16, na dispersão de um animal para fora do arraial, levando as enfermidades ao deserto. Levítico 17-26 complementa a primeira metade do livro. Mas, agora, não é, propriamente, o corpo o aspecto principal, mas sim a comunidade e seus bens.

O conceito chave vem a ser o da santidade, que requer estruturas e ações sociais solidárias, no conjunto das relações sociais, para que prevaleça a santidade. Neste livro de Levítico temos o tema central das tradições sinaíticas.

Portanto, em números 1,1-10,10 representa uma quarta unidade dos textos agrupados ao Sinai. Esta unidade parece reunir materiais literários tematicamente diversos. Mas também há indícios de que temos um conjunto bem organizado e agrupado.

Todavia, as tradições sobre a santidade e sobre a terra podem encontrar as paralelidades neste amplo complexo sinaítico, uma das marcas da teologia pós-exílica. A *torah* constitui um conjunto de ‘livros<sup>21</sup>’, cada um com seu tema específico e com seu contexto apropriado.

Por isso, o material literário da torah está organizado em torno de “tradições” similares. Os atuais livros ou ‘rolos’, em que se encontra a *torah* (Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio), pouco expressam sobre a identidade literária, porque, não raro, foram compostos a partir das capacidades de um ‘rolo’.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A perspectiva literária da Teologia do Antigo Testamento de Milton Schwantes é desafiadora, e percebemos nas pesquisas feitas por alguns autores que

---

<sup>21</sup> Cf. A torá: uma leitura inovadora. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/CA/article/view/3461/3219>>, acesso em: 21 Jul. 2013.

optamos, que a leitura que Schwantes faz da Torá é altamente literária. Temos como base as palavras do Dr. Tércio Machado Siqueira, quando nos apresentou que “as histórias inseridas na torá sobre o povo hebreu para Schwantes, não foi somente escrito para o povo de Israel, mas, para toda a humanidade”.

Contudo, concordamos que a Torá foi escrita para toda a humanidade e não somente para um povo eleito, escolhido ou separado. Obviamente dentro de uma visão da Torá como obra literária. Conforme Schwantes, ele vê a Torá constituída a partir de quatro conjuntos literários, como livros formados e pertencentes a diferentes grupos da sociedade israelita.

E por fim, temos plena convicção e certeza das novas pesquisas sobre as questões literárias da Torá, e temos acesso a várias opiniões de eruditos sobre a questão em pauta, e autoria dessas fontes individuais têm variado desordenadamente. Enquanto alguns estudiosos argumentam que os textos forma escritos e editados durante a existência da monarquia unificada e dos reinos de Judá e de Israel (c.1000-586 a.C.), outros insistem que são composições tardias, coletadas e editadas por sacerdotes e escribas durante o exílio na Babilônia e a restauração (nos séculos VI e V a.C.), ou mais tarde, durante o período helenístico (séculos IV e II a.C.), (FINKELSTEIN,2001,p.26-27).

Por sua vez, ainda assim, “todos” concordam que o Pentateuco (Torá) não é composição única e sem costuras, mas uma colcha de retalhos de fontes variadas, cada uma escrita sob diferentes circunstâncias históricas, para expressar diferentes pontos de vista sejam eles: religiosos, políticos ou econômicos.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

**Artigos:**

Lucas Merlo Nascimento. A Bíblia e a vida: O método exegético de Milton Schwantes. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/CA/article/view/3477/3242>> Acesso em: 21 jul. 2013.

Tércio Machado Siqueira. A torá: uma leitura inovadora. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistasmetodista/index.php/CA/article/view/3461/3219>> Acesso em: 21 Jul. 2013.

Milton Schwantes. Origem dos textos. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistasmetodista/index.php/CA/article/view/3550/3245>> Acesso em: 21 jul. 2013.

Milton Schwantes: um horizonte teológico, um projeto, uma tarefa. Disponível em:

<<https://www.metodista.br/revistas/revistasmetodista/index.php/CA/article/view/3464/3246>> Acesso em: 20 de Jul. 2013.

Moisés Abdon Coppe. A Tribo de Levi: considerações preliminares. Disponível em:

<<https://www.metodista.br/revistas/revistasmetodista/index.php/CA/article/view/3303/3256>> Acesso em: 21 de jul. 2013.

Rui de Souza Josgrilberg. Milton Schwantes: um horizonte teológico, um projeto, uma tarefa. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/CA/article/view/3464/3246>> Acesso em: 21 de jul. 2013.

**Livros:**

BLENKINSOPP, J. *The Pentateuch: na introduction to the first five books of the Bible*. New York: (s.n.), 1992.

FINKELSTEIN, Israel & N.A. Silberman. *The Bible Unearthed: Archaeology's New Vision of Ancient Israel and the Origins of its Sacred Texts*. New York, 2001, The Free Press.

- GUNKEL, H. *Introducción a La Historia de Israel*. Madrid: España, 1976, p. 34.
- GOTTWALD, K. Norman. *As Tribos de Yahweh: Uma sociologia da religião de Israel Libertado*. São Paulo: Paulus, 2004.
- NOTH, M. *The deuteronomistic history*. Sheffield: (s.n.), 1981.
- \_\_\_\_\_. *A history of Pentateuchal traditions*. Sheffields: (s.n.), 1981.
- RENDTORFF, Rolf. *A formação do antigo testamento*. 8º ed. São Leopoldo: Sinodal, p.8-10, 2009.
- RAD, V. Gerhard. *Teologia do Antigo Testamento*. 2º ed. São Paulo: Targumim, p.107-110, 2006.
- SCHWANTES, Milton. *História de Israel; vol. 1: Local e origens*. 4º ed. São Leopoldo: OIKOS, p,108, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Teologia do Antigo Testamento*. São Leopoldo: EST, p, 20, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Breve história de Israel*. 3º ed. São Leopoldo: OIKOS, p.58, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Sufrimento e esperança no exílio; história e teologia do povo de Deus no século VI a.C*. 3º ed. São Leopoldo: OIKOS, p, 56-57, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Deus vê, Deus ouve! Gênesis 12-25*. São Leopoldo: OIKOS, p.15-25, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Projetos de esperança; meditações sobre Gênesis 1-11*. 2º Ed. São Paulo: Paulinas, p.24, 2009.
- SCHENKER, A. *Bíblia Hebraica Stuttgartensia*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010
- WELLHAUSEN, Julius. *Prolegomena to the history of ancient Israel*. New York: (s.n.), 1957, p. 138.
- WOLFF, W. H. *Antropologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2008, p. 52.